

## **PROJETO GUIGNARD**

### **Passos de Guignard em Ouro Preto**

Pierre Santos, professor e crítico de arte, morador em Belo Horizonte.  
Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2003, em sua residência.

Gélcio: Gostaria que você se apresentasse e falasse da sua relação com Guignard.

Pierre: Dediquei minha vida praticamente à arte e seu mistério, como crítico e professor de História de Arte. Conheci Guignard em Belo Horizonte, quando começou realmente esse meu amor pela arte e isso eu devo a ele. Acabei sendo seu procurador e, juntos, dirigimos a Escola Guignard. Sempre me levava aonde ia para pintar: Sabará, Lagoa Santa, Ouro Preto e várias cidades históricas.

Gélcio: Você poderia nos contar sobre a chegada de Guignard a Belo Horizonte em 1944?

Pierre: Quando Guignard chegou a Belo Horizonte eu morava em Passos. Vim para Belo Horizonte por volta de em 1949-50. Aqui me instalei e fiz minha vida.

Gélcio: Como foi seu encontro com Guignard?

Pierre: Eu estava fazendo vestibular e precisava de um lugar para estudar, porque na pensão onde morava, não tinha jeito. Era na Avenida João Pinheiro. Descobri que, na Guajajaras, em local próximo, havia uma biblioteca, que era da universidade. Procurei o professor Francisco e pedi a ele para estudar ali. Ele foi receptivo, deixando-me à vontade para consultar os livros que precisasse. Eu chegava às 8 horas da manhã e ficava até a tarde. Depois de uma semana, começaram a chegar rapazes e moças que passavam por mim com um cara grandão, um alemãozão forte. O professor Guignard estava lecionando seus cursos ali. Um dia fui a porta da sala e a aula já estava instalada, com o pessoal pintando numa mesa cheia de frutas. Guignard me pegou pelo braço e disse: “Vem cá!”. Levou-me, fez uma tela. Eu queria falar com ele que não tinha nada a ver com aquilo, mas ele nem deu chance. Virou-se para o rapaz que estava ao meu lado, que era o Jefferson Lodi e pediu que providenciasse material para mim. Então comecei a desenhar. Guignard chegou perto e falou: “Escuta, você não tem jeito para isso não. Vá comentando o desenho desse pessoal para mim. Para fazer você não tem jeito, mas pode ser um crítico. Sente-se aqui nesta mesa.” Eu achei interessante. Esse foi o nosso primeiro encontro. Todos os dias, a partir daí, ele me emprestava um livro. Eu ficava dois, três dias com o livro e depois discutia com ele. Acabava a aula, íamos almoçar no *Tip Top* ou num outro lugar qualquer. Eu fui o único aluno, crítico de arte, que Guignard teve.

Gélcio: Na verdade foi o Guignard que te encontrou. Foi a partir daí que você passou a acompanhar as aulas?

Pierre: Sim. O Santiago Americano Freire, seu médico e amigo, tornou-me o procurador de Guignard para ajudá-lo a resolver pendências financeiras. Havia uma modelo na Escola, ia lá duas vezes por semana e tinha emprego num bar da zona boêmia, que conseguiu uma procuração e recebia por ele os vencimentos pagos pela Prefeitura de Belo Horizonte. Guignard estava

sempre sem dinheiro. Ela foi mandada embora e, como procurador, passei a organizar os negócios de Guignard, inclusive assumi a administração da Escola que estava completamente entregue “às baratas”. Quando iniciei o trabalho, ele disse: “Olha, você fica como diretor.” E respondi: “Não, você é o diretor-presidente e eu, o diretor-executivo. Vou fazer o estatuto e dar as orientações necessárias na medida do possível.”

Gélcio: Como era a metodologia do Guignard nas aulas de desenho e pintura?

Pierre: Guignard era mágico para ensinar. Ele falava pouco, tinha vergonha por causa do lábio leporino, as pessoas não o entendiam bem. Ensinava mais por gestos. Era incrível seu domínio de linguagem gestual, ele conseguia transmitir idéias com uma naturalidade muito grande. Gostava de dar aulas em meio à paisagem, com os alunos pintando no Parque Municipal sob seu olhar atento.

Gélcio: Você acha que Guignard deixou em Minas uma escola?

Pierre: Guignard, com a sua ação, com a sua atitude, transmitiu uma forma própria de ver a arte que impregnou a todos os que tiveram a oportunidade de conviver com ele. Formou realmente uma escola. Se nós temos no Brasil uma escola de arte no sentido acadêmico, essa é a de Guignard, o mestre que trouxe o modernismo para Minas.

Gélcio: Em minha opinião, a influência de Guignard também está presente na Escola de Arte da FAOP, em Ouro Preto, onde estudei.

Pierre: A FAOP foi criada nesse ambiente, com essa perspectiva. Guignard é um dos grandes representantes do expressionismo lírico no mundo. Ele fez algo que ninguém tinha feito em matéria de poesia dentro da pintura. Por onde passava, sempre deixava sua marca.

Gélcio: Guignard tinha um salário como professor, como diretor da Escola?

Pierre: O Juscelino era prefeito e trouxe Guignard, mas o seu mandato na Prefeitura terminou em fins de 1944. No ano seguinte foi eleito Otacílio Negrão de Lima e a primeira coisa que fez, ao assumir o cargo, foi cortar o salário do Guignard. Nessa época, a arte moderna era muito pouco valorizada. Guignard ficou sem salário. Então a sua turma de alunos se reunia, cotizava pensão e comida para cobrir suas despesas cotidianas. Foi quando o Dr. Hélio Hermeto entrou com uma ação judicial contra a Prefeitura, exigindo os pagamentos, que passou a receber até o fim da vida.

Gélcio: Era um salário suficiente para assegurar condições dignas de sobrevivência?

Pierre: Nada, talvez o correspondente a uns dois salários mínimos atuais. Mas Guignard era um homem que tinha apresentação, era convidado para ir a muitos lugares, a festas. Nunca me lembro de ter visto Guignard mal vestido. As camisas eram impecavelmente limpas e engomadas. Terno e gravata borboleta, sempre. Ele pintava e não caía uma gota de tinta na roupa ou no chão. Era um milagre conseguir tudo isso.

Gélcio: Você acha que o talento de Guignard era reconhecido?

Pierre: O povo nem sabia da existência de Guignard, não tinha a menor idéia. Sua arte era reconhecida por uma elite, médicos, professores e amigos que adquiriam quadros para ajudá-lo, inclusive o Juscelino Kubitschek. Houve época em que Guignard, eu, Augusto Degois e Vicente Abreu nos reuníamos sempre na *Casa do Chopp* para bater papo. Guignard nunca nos deixava pagar. Ele dava um jeito de pagar antes e, quando não tinha dinheiro, ficava por nossa conta. Aí ele não gostava: “Ah... vocês me traíram.” Era o jeito dele. Um belo dia Guignard sumiu. Uma noite não veio, nem outra. Pensamos se não estaria doente. Então fomos à pensão onde morava, na esquina da Rua Rio de Janeiro com Tamoios. Batemos à porta, não houve resposta. Senti um cheiro estranho vindo do quarto. Quando abrimos e acendemos a luz, podia ser umas oito horas da noite, Guignard estava roxo, emborcado, em cima do cavalete, caído, praticamente em coma. Chegamos na hora. Pegamos Guignard, pusemos dentro de um carro e o levamos para a Santa Casa, onde ficou mais de uma semana. Fomos visitá-lo, mas não pudemos entrar. Só Yara Tupinambá subiu. E ele fez um bilhete: “Turma do barulho, obrigado por vocês terem vindo.”

Gélcio: Ele teve exatamente o quê?

Pierre: Intoxicação de bebida. O médico falou que se não tivéssemos chegado naquela hora, teria morrido. Ele exagerava na bebida e às vezes tinha que ser internado. Daquela vez assinei a ficha e fiquei devendo cerca de 28 mil. Pensei: “Como é que eu vou pagar isto?” Peguei os quadros que estavam no quarto dele e fui vender. Fui atrás do Juscelino. Fiquei umas três horas na sala de espera do Gabinete e, quando entrei Juscelino disse: “Já sei, é Guignard”. Respondi: “O senhor adivinhou.” Ele falou que ia comprar o quadro maior, um São Francisco. Eu pedi 18 mil cruzeiros, mas ele disse que estava sem dinheiro e pagou 15 mil. Havia outro quadro de Ouro Preto, lindo, pelo qual o Edmur Fonseca ficou doido e comprou por 8 mil. José Maria Alckmin pagou o restante das despesas. São passagens interessantes da vida do Guignard.

Gélcio: O Juscelino e o Guignard chegaram a se encontrar muito ou foi um relacionamento superficial?

Pierre: Muitas vezes estiveram juntos. O Guignard freqüentava a casa da Lúcia Machado de Almeida e o Juscelino estava sempre lá. Juscelino tinha uma verdadeira paixão por Guignard, sempre o tratou com distinção e respeito. Dona Sara também era uma admiradora e o recebiam com todas as honras. Juscelino ganhou de presente aquela obra histórica, a “Execução de Tiradentes”.

Gélcio: Quer dizer que você conheceu Guignard já nos anos 50, período em que a Escola estava instalada em Belo Horizonte. Guignard era muito presente como professor?

Pierre: Até nos anos 54, 55 ele era bastante freqüente. Depois parou de ir à Escola. Caminhava com dificuldade, os pés inchavam e quase não saía de casa. Nessa época morava com Santiago Americano Freire.

Gélcio: Você freqüentava a casa do Dr. Santiago?

Pierre: Muito, quase todos os dias. Tinha que estar com Guignard porque precisava pegar assinaturas. Como não ia à Escola, eu pegava os papéis, levava e ficava lá conversando. Santiago era um grande amigo, fui padrinho do seu casamento com a Helena. Ele o tirou da pensão e o

levou para morar em sua casa. Guignard estava com a saúde fragilizada. Foi nessa época, por volta de 1957, que o Frederico de Moraes começou a fazer reportagens acusando pessoas de explorarem Guignard. O Santiago era o alvo principal. Falavam que comandava a vida de Guignard, que opinava na obra e em tudo mais, o que não é verdade. Santiago era um indivíduo culto, inteligente e conhecia arte como poucos. Era um protetor do Guignard que, se ficasse sozinho, ia para botequins e poderia morrer de tanto beber, vítima de intoxicação. No auge da crise, como eu era o procurador de Guignard, ele me chamou e disse que ia levá-lo para morar na casa da Lúcia Machado de Almeida, na Praça da Liberdade, no Edifício Niemayer. Tinha saído uma reportagem terrível do Frederico. Ele estava com a mala de Guignard, uma maleta amarela. E Guignard, sem saber o que acontecia, dava a impressão de não tomar conhecimento de nada, nunca conversou com ninguém a respeito do assunto. Ficava pairando, era um anjo no espaço.

Gélcio: Vamos falar da mudança de Guignard para Ouro Preto, no início dos anos 60. Como você viu isto?

Pierre: Guignard, quando esteve em Ouro Preto pela primeira vez ficou embasbacado. Isso foi em 1942. Ele havia ganhado o Prêmio do Salão Nacional, no Rio de Janeiro, e veio conhecer Minas. Foi o poeta Manuel Bandeira que o aconselhou: “Vá pra Minas que tem tudo a ver com você.” Mário Silésio conta que eles chegaram à noite em Ouro Preto, após o dia inteiro de viagem. Guignard, cansado, não quis ver nada e foi dormir. No dia seguinte, acordou cedo e não sabia dizer uma palavra, maravilhado com o que via. Então exclamou: “É isso que eu procurei a vida inteira. Eu quero viver é aqui.” Muitos anos se passaram e foi nessa época turbulenta que Guignard mudou-se para Ouro Preto. A situação dele não era boa. Hélio Hermeto e Abílio Machado me procuraram para organizarmos a Fundação Guignard, em que assumi a secretaria, sob a presidência de Milton Campos. Pedro Aleixo emprestou sua casa, no bairro de Antônio Dias, para Guignard morar até a Fundação adquirir um imóvel próprio. Guignard não tinha um tostão. Quando faleceu, deixou uma conta bancária, que também havia recebido significativa contribuição da Fundação. Nós conseguimos doação de muito dinheiro, de várias firmas, do Estado, do Governo. Foi com esse dinheiro que se adquiriu a casa da Rua Conselheiro Quintiliano, em Ouro Preto.

Gélcio: Já se falava na criação de um Museu Guignard? Como ele reagia a essa idéia?

Pierre: Sim, ele participava e dizia: “Ah, uma salinha qualquer em algum museu está ótimo.”

Gélcio: Como você acha que Guignard sentia essa proteção, essa tutela?

Pierre: Não parecia se incomodar com isso. Ele se deixava levar. O que ele queria era apenas viver a poesia da sua pintura e nada mais. Era a única coisa que o interessava, era o seu objetivo. Vivia artisticamente, era um anjo andando nas ruas. E como tal foi embora.

Gélcio: Quando Guignard faleceu, apareceram alguns parentes, primos e ganharam na justiça o direito de herança, quadros, imóvel, enfim, tudo o que a Fundação Guignard estaria organizando para um futuro memorial do artista. Não se pensou em um contrato que garantisse a ela o direito a esses bens?

Pierre: Às vezes eu me pergunto se a Fundação existiu. Houve o registro no cartório, o que lhe conferia caráter jurídico. Pessoas importantes do meio intelectual e artístico estiveram reunidas no dia da instalação e posse da Fundação, mas ficou impossível agregá-los posteriormente. As decisões eram tomadas por uma comissão pequena: o Hélio, eu, o Abílio e aqueles mais interessados.

Gélcio: Foi uma surpresa a morte do Guignard?

Pierre: De alguma forma já era esperada. O Santiago foi contra sua mudança para Ouro Preto e tinha razão quando afirmava: “Se ele sair da minha companhia, não vive seis meses”. Viveu um pouco mais, uns oito talvez. O Wilde tomava conta dele e ia a todos os bares da cidade pedir para não lhe venderem bebida. Mas como é que não iam vender um rabinho de galo - cinzano com uma pinguinha, que ele tanto gostava...

Gélcio: Você tem uma pesquisa sobre Guignard?

Pierre: Fiz um trabalho sobre a arte em Belo Horizonte desde a instalação da Capital até Guignard e os seus alunos imediatos, mas parei por aí. Também lecionei durante muitos anos na Escola de Belas Artes e a minha primeira aula, a cada semestre, era sobre Guignard para que os alunos conhecessem a dimensão e a importância de sua obra.

Gélcio: Podíamos voltar a comentar sobre Guignard em Ouro Preto.

Pierre: A primeira vez que fui com Guignard a Ouro Preto, ele me levou à igreja de São Francisco de Paula. “Olha essa vista!” Então desceu comigo, fomos para frente da igreja de Nossa Senhora do Pilar. O interessante em Guignard era o seguinte: escolhia o lugar e pintava vários quadros. Outro dia saía a pé, sem o cavalete, sem nada. Ia procurar novos rumos, outras referências paisagísticas. Ele achava o que queria.

Gélcio: Ele tinha um processo de contemplação.

Pierre: Exato. Ele falava assim: “Tem um Ouro Preto que ninguém jamais viu.”

Gélcio: Você ia frequentemente com ele a Ouro Preto?

Pierre: Ia. Fiz várias viagens. Geralmente nos hospedávamos no Hotel Toffolo.

Gélcio: Temos registro do Guignard também hospedado com Roberto Lacerda.

Pierre: Quando ele ia sozinho, ficava na casa de amigos como a de Theódulo Pereira ou a da Lili Corrêa de Araújo, o Pouso Chico Rey.

Gélcio: Guignard era notícia?

Pierre: Era. Ele despertava um encantamento, exercia um fascínio sobre intelectuais e alguns segmentos da sociedade. Mas ninguém vendia arte no Brasil, muito menos Guignard. O Di

Cavalcanti, com uma obra fantástica, morreu 10 anos depois de Guignard praticamente na miséria.

Gélcio: Quais eram os artistas desse núcleo em Minas de quem Guignard gostava?

Pierre: Ele gostava muito do Jefferson Lodi, do Wilde Lacerda, do Vicente Abreu.

Gélcio: E os pintores brasileiros?

Pierre: Clóvis Graciano e Di Cavalcanti. Do Portinari ele nunca falou. Tenho a impressão de que achava o seu jeito de fazer arte meio acadêmico, meio preso.

Gélcio: Que tipo de música Guignard apreciava?

Pierre: Ele ouvia muita música enquanto pintava. Adorava Mozart e Brahms. Também me lembro de Guignard solfejando alguma coisa de música popular. Tinha uma música que cantava de vez em quando: “Se a noite for chegando... eu me perdi no deserto...” Era mais ou menos assim: “Sabiá laranjeira, ouço o teu cantar bem perto...” É uma música antiqüíssima, folclórica.

Gélcio: De que forma essa convivência de Guignard com o ambiente, com a paisagem de Ouro Preto, influenciou sua obra?

Pierre: A arte de Guignard perdeu um tanto da cor, da tinta que ele punha. Sua pincelada foi ficando cada vez mais rala, mas era um efeito proposital. Todo mundo achava que ele estava poupando tinta. O Roberto Marinho soube disso e mandou para ele toneladas de tintas, das várias marcas que utilizava para pintar. Ele gostava muito da tinta Laurilt, que era francesa. Mesmo assim, Guignard continuou a pintar dessa forma até o fim da vida. E a sua arte ganhou em dramaticidade, embora tenha perdido um pouco o impacto da cor. Ficou muito dramática, claro e escuro como as paisagens de Ouro Preto. Os últimos auto-retratos são trágicos. Ele estava sentido a aproximação da morte, coisa impressionante. A gente não sabe na verdade o que aconteceu: se foi Guignard que encontrou Ouro Preto ou se foi Ouro Preto que o chamou.

Gélcio: Para encerrar a entrevista, gostaria que falasse um pouco mais sobre a vida e a obra de Guignard.

Pierre: Tive oportunidade de conhecer a Academia onde ele se formou em Munique e, nos arquivos, encontrei a sua pasta de desenhos. Eles sabem que Guignard é um pintor brasileiro importante. Quando veio para o Brasil, começou a descobrir a luz dos trópicos. Acho que viveu uns 14 anos no Rio de Janeiro, que foram uma espécie de preparação para encontrar o seu verdadeiro estilo, quando conheceu Ouro Preto. Ele criou algo que faltava ao expressionismo, o lirismo. E Guignard desenvolveu esse lirismo com uma preocupação, com um zelo de contornar cada pedaço da cidade com um pouco do seu coração. Essa é a tônica da sua obra. Ele conseguiu criar um romantismo naquela paisagem que ninguém nunca mais chegou perto. Sob meu ponto de vista, é o mais importante pintor brasileiro, com representatividade e criação de um estilo próprio.